

5.

12 PROPOSIÇÕES:

(Resistência, corpo, ação – táticas e forças na produção plástica atual)

...A obra nasce de apenas um toque
na matéria..
Hélio Oiticica, 1960.

E Eu
em meio a milhões de palavras
por uma pequena fresta
existo fora do ser ...
Poema Crime, Silvio Barros

...Sempre gostei de bagunça. Não de ordem nem de desordem. Bagunça. O que tenho a
mão vou mexendo até perder, prá depois achar de novo. Achando o que perdi acho o
novo de novo, reencontro o novo no velho – é como a luz, a velha luz, descansada e
sempre nova de novo....
Barroco de lírios, Tunga,

... o que pode um corpo? ...
Ética, Spinoza

...A vida é paródia da arte...
Waly Salomão

1. **Re-insistências.** Resistência. Existir. Re-existir: sempre no possível, nas possibilidades. Romper. Continuar. Ir além do óbvio, do sim domesticado, do clichê assumido como real. Inaugurar sempre a possibilidade, novas possibilidades, a possibilidade do *outro*. Insistir. Re-insistir. Sem mágoas, sem rancor, sem luto. Uma memória prenehe, possível. Fazer nascer novamente. *A força plástica de uma história para os vivos*. Contar aos outros sobre os *outros*. Função pedagógica: criar povos novos. Trazer o novo de novo. Plantar e colher. Círculo. Mutação. Resistência. Ampliar a rede. Estender no real o virtual possível. Criar um *outro* real. Colonizar, contagiar, espriar. Criação. Insistir no sim. O sim do sim. O sim que afirma: não sou esse mesmo, sempre o mesmo, sempre dócil, sempre palatável. Devorar. Tornar o outro, outro dentro de mim. Sem medo, sem receio. Metabolizar.

Afirmar a tribo. Ser muitos, sendo *outros*. Fazer um Brasil. Criar um Brasil. Contar de um Brasil de *outros*. Resistir. Seguir sempre. Esquecer as ruínas. Seguir sempre. O nômade – aquele que vem de novo: resiste. Coletivizar experiências. Seguir novamente. Sempre em frente, ou ao lado, ou em meio, ou a partir de, ou simplesmente seguir...Resistir.

2. **A resistência** passa por uma triangulação de potências: o corpo, a produção de subjetividade e a multidão. **O corpo** é o espaço mínimo: é nele e a partir dele que se dão os encontros possíveis na busca da execução e formas de ação. Propiciando combinações múltiplas comuns, o corpo realiza os *encontros* possíveis: o indivíduo, esse coletivo de experiências corporais. Os corpos serão o espaço de potência do porvir. Os processos de seleção dos encontros definem as possibilidades de transformação/conservação dos indivíduos. Linhas e caminhos abertos. A capacidade de realização das potências de transformação vai buscar a associação de redes de afeto: capacidade de encontro dos corpos de conformação do indivíduo com eventos e efeitos corporais *outros*, cujas configurações propiciam a experientiação da transformação do indivíduo. Esses afetos detonaram processos de atividade e reação, que constituem a *afirmação das diferenças* como plano de imanência - espaço de ação das diferenças e conexão das potências, afetos e forças. Instauração do múltiplo. O corpo tem como necessidade sua desterritorialização: ao longo dos processos de construção/desconstrução de coagulações de controle, de mimetismos disciplinares, de catequese de subjetividades, a afirmação da diferença tem uma função ativa na formação da resistência dos indivíduos. Os encontros: produção de diferença. Cada corpo produz diferença; mesmo um corpo fascista, doente, produz diferença. Cada corpo deve ser pensado a partir de suas potências de desterritorialização. Os deslizos, os movimentos, os fluxos, são caracteres informativos das potências corporais. Corpos: diferenciação. Essa informatividade diferencial produz a rede de intercomunicação ativa – potências configurando planos de imanência: campo de ação onde as

máquinas de guerra contam suas estórias, histórias e devires. É aí onde o contágio acontece. A intensidade afirmativa das resistências é ativada: os olhos do furacão, as linhas do mar, os caminhos da floresta...muitos e múltiplos.

3. **A produção de subjetividade.** Definição proposta: os grupos e estamentos sociais, através de suas práticas e representações, incitam e constroem a subjetividade dos indivíduos. Essa é uma questão descoberta no século XIX, antes de Freud. Agora, algumas derivações atuais: como entra a produção, um conceito de matriz econômica, nos processos de subjetivação dos indivíduos? E se a subjetividade é algo produzido, no nível individual e social, como escapar aos processos de colonização desenvolvidos pela sociedade de controle? É possível pensar uma subjetividade fora dos elos do consumo, do mercado, do Império? A resposta é clara e direta: não. Não existe fora, não existe além, nem qualquer outra idéia de transcendência real. Só a brutalidade dos fatos. O atual. Urgência: de maneira direta e irreversível, a construção de forças de ação e resistência afirmativas. É impossível ignorar esses fatos. A grande maioria das perspectivas tradicionais e institucionais de resistência utiliza como forma de luta preconceitos melancólicos, de matriz reativa – a *moral do escravo* – e parecem ignorar as configurações contemporâneas de poder. É necessário sublinhar a seguinte noção: as mais variadas e diversas configurações sociais atuais encontram-se hoje, em todo o planeta, sobre um forte e ágil esquema de ocupação. Um dos vetores primordiais é o da produção de produtores de subjetividade. Isso significa que o que interessava num modo de produção anterior – a sociedade disciplinar e seus corpos dóceis, os produtos e os parques industriais de gigantesco porte, as grandes massas disciplinadas em suas fábricas, escolas e hospitais, a homogeneização e construção de um *povo*, com seus discursos e territórios, como bem nos mostrou Foucault – tem estatuto menos significativo na atualidade. Os pilares de sustentação da sociedade de controle são *outros*. A produção de subjetividade constitui o viés dinâmico do atual modo de produção. É nessa

área que o controle é produzido para ser reproduzido. Os corpos revelam os espaços ocupados por essa reprodução. A objetividade, por sua vez, elabora a construção de uma subjetividade vigiada pelo controle imperial. Os corpos são desterritorializados para serem re-territorializados como territórios ocupados, indivíduos colonizados. Imensas redes de propagação da reprodução e controle são constituídas por esses corpos *linkados* à comunicação global – é pela/nos meios/modos de comunicação globais que a produção de subjetividade controlada escoar, é distribuída, é imposta. A comunicação produz controle sem a necessidade da presença concreta dos agentes controladores. As indústrias culturais locais atuam como importantes nós de propagação da subjetividade. O fundamental para o império é estabelecer a formação de redes de produção de produtores de subjetividade em escala planetária, que ajam localmente. Para tanto, é mister o controle dos meios de produção de comunicação em escala global e local. A velocidade, os padrões de qualidade, as formas de enquadramento, os modos de utilização das tecnologias de informação, etc. são instrumentos do controle dessas produções. O quadro parece complicado. Toda essa configuração permite a elaboração de atuais formas de resistências. A surpresa nasce do inesperado. O singular é um corte no horizonte.

4. **A multidão.** Em outros momentos podíamos chamar de povo. Posteriormente, nação. Finalmente, massa. A nomenclatura muda de acordo com a conjuntura. Mas qual é a diferença? O que difere, o que propicia mudanças desses estatutos corporais? Os modos de produção – se utilizarmos aqui uma idéia que Deleuze propõe: *“O que mais nos interessa em Marx é a análise do capitalismo como sistema imanente que não para de expandir seus limites, reencontrando-os sempre numa escala ampliada, por que o limite é o próprio Capital”* - realizam e efetivam de maneira imanente a formação de seus meios de escoamento e de suas áreas de ação. O capitalismo se desenvolve neles e a partir deles. A maneira como irá constituir e produzir corpos é uma questão de extremada significação em meio as suas mobilizações. A multidão. Os

corpos são instrumentos e espaços de efetivação dos processos de produção do capital. Em seus diversos estágios de transformação, o capitalismo construiu modos de operação diversificados, economias e políticas sobre os corpos – suas subjetividades e objetividades. Se lembrarmos Montaigne, em seus *Ensaio*s, percebemos que em muitos lugares o florescimento da noção de *outro* demandou a tentativa de apreender as diferenças e particularidades de corpos formados em modos de produção distintos. A multidão: ela não tem rosto, ela não está em um lugar específico, ela não está contida em um território ou estado. Ela é a área e o meio de produção de biopoder, onde a sociedade de controle se faz presente em toda sua potência. Ela escorre, transborda, não tem limites, desorganiza. As diferenças entre povo e multidão, citando Negri e Hardt: “(...) a multidão é uma multiplicidade, um plano de singularidades, um conjunto aberto de relações, que não é homogênea nem idêntica a si mesma, e mantém uma relação indistinta e inclusiva com os que estão fora dela. Em contraste, o povo tende à identidade e homogeneidade internamente, ao mesmo tempo que estabelece suas diferenças em relação ao que dele está fora e excluído (...) o povo oferece uma vontade e ação únicas, independentes das diversas vontades de ações da multidão, e geralmente em conflito com elas. Toda nação precisa fazer da multidão um povo.” As diferenças entre multidão e massa: a sociedade de massas, tão discutida ao longo dos anos 60 e 70, parece trazer em seu gene a evolução prática dos meios de produção de controle sobre a multidão; os processos de homogeneização: tornar igual, o mesmo, construir segmentos de consumo e controle; a transformação dos corpos em recanto dos fluxos de consumo, colonizar e ocupá-los com subjetividades reproduzidas e reprodutoras de objetividades imediatamente ligadas aos anseios do modo de produção tecnológicos do alto-capitalismo; a massa é a multidão capturada nas teias exclusivas do controle/consumo, a multidão é a possibilidade de desobediência e insurreição dentro da ocupação do império: resistência.

5. Afirmar. Insistir. Investir no real. Criar outros reais. Extrair do tempo, outros tempos. Impelir ao tempo, outros reais. Fazer brotar. O tempo nunca é o mesmo. O tempo agora segue sendo outros tempos. Resistência. Reconhecer o que é próximo. Aliados: parentes auriculares, orelhas sensíveis, estar seletivo... Uma luta sem fim, sem início. Só luta. Todos os tempos presentes. Trazer a ciência da luta. Outras histórias, atuais devires. Instinto pedagógico. Entender o tamanho: monumento de possibilidades chamado Brasil. Agir. Existe uma demanda destes outros. Agora. Sempre existe. Agora. Continua a existir. Agora. A necessidade. A necessidade. A necessidade. Um matemático francês disse: *não resisto por escolha, resisto por necessidade*. O tempo. O tempo atual pede outros tempos. Resistir. Insistir. Ou então ficar somente com o ser contemporâneo: alinhar compromissos, omissões, aparar arestas e conter forças, e as formas (sempre as formas): mantê-las, assumir no controle a possibilidade maior, ter no poder, sua casa, ter na burocracia, sua cama - contenção e limpeza: saudades de um estruturalismo racionalista perdido, de uma geometria estática concreta, de um equilíbrio impossível numa realidade periférica como a nossa. A submissão e o clientelismo – *os males do Brasil são...* Escapar. Fazer rodar a roda. Dançar a gira. Girar com o tempo. Extrair no porvir, o agora. Resistir. Imaginar e criar. Na arte, um campo de batalha. É necessário girar, fazer dançar. Escapar. Buscar um fora onde só há dentro. Romper o dentro. Fazer dobrar o dentro, fazer o fora, dentro. Girar. É necessário fazer dançar, girar. Insistir. Resistir.
6. **Forças de resistência e produção x formas de controle (potência x poder).** Os esquemas e aparelhos de captura: armadilhas abertas e alertas, nós mesmos como algozes, nós mesmos como prisioneiros. Perceba como os meios de comunicação produzem incessantemente seus sonhos e seus desejos. Perceba como as esferas de poder decisório se fazem presentes nesse complexo jogo de imposições que é ser um consumidor contemporâneo. Apocalipse: revelação, explicitar os jogos de poder. Foucault nos ensinou tudo isso. Olvidamos. Não obstante, esses pensamentos parecem ser

desnecessários para grande parte da produção acadêmica contemporânea. Olvidamos. Por que pensar sobre essas questões se o que se propagou nas últimas décadas é uma não-necessidade pós-moderna de manter-se onde/como se está, já que até a história chegou a seu fim, já que somos todos somente consumidores? Mas há um jogo dentro do jogo. Há possíveis *outros* aqui ou ali. Existe sempre a recepção: muitas vezes já comprometida em seu nascimento com os esquemas de controle. Mas há a recepção como algo criativo, afirmativo - ainda há espaço para resistir. Existem também os já citados estudos culturais ou pós-coloniais: novas configurações de antigos problemas, dança das cadeiras entre o que é periférico visto exclusivamente como periférico e de periferia, e o que é central visto como, quase *naturalmente*, continuando, centro e central; há aqui também espaço para uma possível resistência: os jogos emergem, as forças podem se colocar; há o embate ou a naturalização do conflito. Outros espaços serão possíveis? Perceba como a produção acadêmica está comprometida, está em/no jogo. Perceba como o centro gravitacional da produção de sentido, conhecimento e poder passa muitas vezes ao largo do que se tem feito na universidade. Perceba a necessidade total de mudanças de prisma, de mudanças de texto, mudanças de postura, mudanças corporais, mudanças de formas e forças. Nada é tão maniqueísta, nada é tão binário, nada é tão estanque e nem tão perverso que não produza diferença pretendendo produzir controle, ou produza controle pensando estar produzindo diferença. Há sempre um jogo dentro do jogo. *Ver com os olhos livres*. Será possível? O fim de pensamentos propositivos chegou ao seu fim. Não há como se pretender estar fora do jogo. A necessidade da invenção. A necessidade daquilo que é outro dentro de outros. A necessidade de produzir algo que não seja, algo que será agora, algo que é sendo, sendo o possível amor ao que não é, um porvir agora, algo que pode vir a ser, já sendo: resistir, *fazer dobrar a existência*; sendo o desejo do que não está, mas do que se propõe – outras situações, outras ações. Inventar povos, outros, agoras – experienciar os devires revolucionários; mesmo que muitos já tenham sido experimentados. Realizá-los. Todo segmento temporal

tem suas necessidades. Toda geração deve se perceber nos jogos de suas épocas. Os pensamentos acadêmicos, universitários, devem se perceber em/no jogo. Não há espaço para omissão. É novamente necessário propormos outras forças de resistência em meio a esses outros meios de produção de controle. Criar jogos dentro dos jogos. Re-insistir.

7. **Produções da multidão.** A multidão age como corpos em estado de desobediência. Importante: criar a diferenciação da idéia de uma barbárie civilizada de matriz hobbesiana para uma ação de resistência e desobediência da multidão. A violência parece ser um ponto comum entre ambas. No caso da barbárie civilizada, sim – vide todo o processo histórico de *descobrimento* do novo mundo -, a violência é o que dá ao estado-nação a consciência de sua extensão, é o que define suas funções. Na multidão, o caráter de agressividade substitui a violência. A agressão é uma resposta coletiva à violência institucional dos meios de comunicação e controle do mercado mundial. É necessário, em meio à configuração política planetária atual, uma certa dose de agressividade para se estabelecer possibilidades de articulação de um contra-império. É claro que isso pode ser problemático. Os produtos derivados da afirmação de uma necessária agressividade na contemporaneidade podem ser os mais variados. As coagulações fascistas estão aí. Desde as experiências revolucionárias e insubmissas da década de 60, esse debate não vinha à tona. Toda uma retórica de cunho melancólico foi adaptada pela esquerda tradicional, abrindo flanco para a agressividade de outros grupos, no caso específico, pequenos grupelhos de extrema-direita. É importante notar que a multidão está prenhe de diferenças. Essas diferenças – se não forem construídas como elementos de potência afirmativa de outros processos de diferença – correm o risco de chafurdar nos esquemas de violência e controle promulgados pelo império. A capacidade de homogeneização das formas de controle mostra-se em plena e cotidiana potência. A preparação de contingentes de massa que atendam as demandas da sociedade de controle em seus movimentos de conformação é reiterada dia

após dia. A multidão apresenta-se como uma contra partida histórica em relação ao estado, e posteriormente ao império. A massa é a multidão controlada. Ela irá sustentar a violência dos pequenos grupelhos violentos que agem em nome do estado, muitas vezes pela forma de omissão – *good people, dirty work*. A omissão, por sua vez, é a proposta criminosa da massa. A necessidade de ações agressivas por parte de grupos de resistência, tornados multidão pela ação/articulação, parte da maneira inexorável como as formas de controle se colocam sobre todos os corpos. O enfrentamento direto, as ações diretas demonstram claramente a falência de modos institucionais de representação. Nesse sentido, o biopoder constitui uma área de ação a ser disputada por essas forças da multidão. Extrair do controle os corpos, arrancar da massa a multidão, construir o desejo espontâneo da multidão como forma de manter os fluxos de enfrentamento livres, sem unidade, sem um rosto, sem um líder, só pulsões e forças da criatividade, da diferença. Luta perigosa de corpos que se colocam em risco. A multidão: um imenso conjunto de diversidades e conflitos. Os devires de ação devem ser experienciados, custe o que custar. Multidão: resistir. Ter a agressividade de uma semente ao brotar, de uma tempestade ao chegar, de uma possibilidade por se tornar real...

- 8 As questões continuam as mesmas: as coisas continuam como sempre foram...não há nada de novo...não há novo...tudo é velho...tudo é como sempre foi...estamos no mesmo lugar...fim da história...o mercado...o mercado...o mercado...As questões continuam as mesmas: nada está no mesmo lugar...tudo é novo...tudo mudou...a história nunca terminou...a história nunca existiu...alguém...alguém sempre contou o que aconteceu...o acontecimento: recorte singular no tempo, perpetrando tempos, liberando fluxos, propondo experiências pessoais, micro-revoluções. São as simultaneidades paradoxais. O processo na contemporaneidade: liberar certos devires. Criar no real outras realidades. Insistir. Resistir. Desconstruir a perspectiva hegemônica do *tudo já era*. Revelar a covardia entranhada nas

práticas sociais atuais: tudo em nome da manutenção dos conchavos e aparências. Ausência do *eu crio* em nome do *eu compro*. Coletivizar experiências. Criar outras experiências coletivas. Multidão. Produzir diferenças. Encontrar no outro a diferença. Ação crítica. Propor outras formas, outros discursos, outros nomes. *O poeta é um criador de mundo - HUIDOBRO*. Não esquecer: as vanguardas primavam pela invenção e a experiencição, elementos ausentes. Não se trata aqui de defender as *vanguardas de mercado*: incomunicabilidade como pressuposto de uma prática formalista, íntimas e exclusivas ligações com fluxos de capital, com agentes de controle, gerando uma antiação: amortecimento e letargia. Trata-se de saúde. Divergência é saúde. Resistir é saúde. Fazer com os corpos. Agir com os corpos. Contra-controle. Multidão. Muitos corpos criando muitas histórias...muitas histórias...Acontecimentos: coagulações fascistas ou fluxos de libertação?...Paradoxos: tudo está como sempre foi...tudo mudou...resistir...insistir...re-insistir.

9. **A triangulação das forças e suas produções.** Cada indivíduo é uma multidão. Os corpos. Cada multidão é composta por muitos corpos. Cada corpo produz subjetividade. Essa produção de subjetividade pode ser pensada como potências de real. *“I. O corpo humano é composto de um grande número de indivíduos (de natureza diversa), cada um dos quais é também muito composto”*. ESPINOSA. O real. A realidade é uma construção múltipla. Os meios pelo qual se dá essa construção: os corpos – a multidão, a massa, os povos –, as forças – de produção, de socialização, de controle, de liberação...Os corpos são compostos por forças. Eles as produzem e também são produzidos por elas. As forças, como propõe Nietzsche, podem ser ativas ou reativas. Existem os jogos: *“Nenhuma força renuncia ao seu próprio poder. Do mesmo modo que o comando supõe uma concessão, admite-se que a força absoluta do adversário não é vencida, assimilada, dissolvida. Obedecer e comandar são duas formas de um torneio”*. NIETZSHE. A produção de subjetividade de cada indivíduo está intimamente ligada a essas

forças, a esses jogos. Trata-se, portanto, de elaborar estratégias de afirmação/reação das forças da multidão em cada indivíduo. Daí segue a elaboração de linhas de produção de subjetividade que não sejam exclusivamente constituídas pelas forças/formas de controle. Aqui existe uma luta, ela está aqui. Resistência: construir estratégias de ação que combatam os estratos de massificação dos indivíduos, que desestabeleçam o biopoder da sociedade de controle, passivo e reprodutor de produção, e produza um biopoder ativo, afirmativo, que possa agir como processo de diferenciação, produtor de subjetividades de liberação e singularização, criador e multiplicador de multidões. Produzir, como propôs Tatiana Roque no Fórum Social Mundial de 2002, a resistência elétrica – que realiza calor, luz, afirmação – e não a resistência mecânica, que reproduz movimento, reativo, reprodutivo. Necessidade. Produzir condições subjetivas de afirmação dos corpos produtores de multidão. *A resistência como dobra da existência*. A triangulação das forças de resistência: corpo, produção de subjetividade e multidão. Campo de trabalho, campo de ação. Re- insistência. Resistência.

10. **As produções e as ações: as forças plásticas.** Partamos de uma determinada área de produção artística: as chamadas artes plásticas e/ou visuais. Estamos falando aqui das mais diversas experiências e experimentações que, de maneira geral, se encontram associadas a esses recortes e suas variações. Existe toda uma produção de elementos ligados ao contexto da criação *artística* na contemporaneidade que conota crise e enfrentamento. Existem também as relações e compromissos, estruturas e dependências, que alguns grupos assumem diante do quadro de produção de subjetividade da sociedade de controle. É necessário diferenciá-las. O mapeamento dessas produções deve passar antes de tudo pelo estudo de suas estratégias de resistência e pelo questionamento se elas realmente existem como possibilidade e/ou realidade no quadro de produção atual. O modo como se caracteriza o mercado de arte, os critérios de seleção e definição das instituições e de seus representantes, também compõe essa crise. A maneira como a arte foi extraída do contexto de

relação direta com a sociedade – o *público* foi expulso – conota um efeito: hoje, a produção artística e seus derivados são mais do que nunca uma produção de interesses privados, que detêm todos os modos e meios de escoamento e realização. Crise: sinal de resistência. Sem dúvida alguma, esse não é um problema exclusivo das concepções contemporâneas de arte. No entanto, na atual configuração de poderes e forças, esses problemas ganham conotações específicas. Partamos de algumas definições: (1) não há nenhuma produção possível fora das relações de mercado. Toda a produção artística, em qualquer nível, tem algum tipo de relação virtual ou estabelecida com o mercado; (2) a partir deste pressuposto, o mercado reprocessa o estatuto do *artista*, alinhavando-o em relações de poder e em redes de distribuição específicas. Nós propomos chamá-los aqui de *produtores de arte*; (3) os produtores de arte têm em suas mãos alguns instrumentos de ação: o capital simbólico de suas obras, as forças de produção de subjetividades múltiplas presentes em suas produções, e as potências de intervenção/criação de realidades possíveis; (4) nesse quadro se colocam três segmentos relativos às relações dos produtores de arte com o mercado e seus estratos de qualificação: a primeira é da ordem da *produção de reprodução ativa*, ou seja, a reprodução parcial ou total do discurso e das práticas de poder e de seus elementos; a segunda é da ordem da *produção de reprodução reativa*, onde se encontram muitos produtores que estabelecem uma relação crítica ao mercado sem, contudo, realizarem cortes ou rupturas mais significativos; e, por último, a ordem da *produção de produção ativa*, que se pretende mais intensa e agressiva em suas ações de ruptura e cortes, propondo linhas de enfrentamento e tensão em relação às práticas da sociedade de controle e seus aparelhos de captura. Resistir. É esse o quadro emergente. É aqui que se dá a luta. Resistência. Insistir. Re-insistir

11. **As tradições delirantes e as atuais forças de resistência.** Há tradições de experimentação e ruptura ao longo da história cultural brasileira. É necessário pensar em Flávio de Carvalho nos anos 20 e na sua *Experiência n.2*; pensar

nas investigações dos anos 50, ao qual se segue o neoconcretismo; na erupção do conceitual na década de 60 no cenário brasileiro, em seus embates, aproximações e divergências; pensar no trabalho de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Ligia Pape e nessas lutas neo-vanguardistas em toda a década de 70 e na radicalização e exaustão das experiências mais agressivas e mais ensurdecidas; pensar em Waly Salomão, em Raimundo Collares, em Barrio, em Guilherme Vaz, em Antonio Manuel, em Tunga, suas saídas, suas entradas, suas forças...É necessário pensar em todas essas lutas, como elas se canonizaram, como escaparam, como sobreviveram ao longo das décadas de 80/90; e como certo modo de produção artística, intimamente ligado aos esquemas de financiamento, de distribuição e classificação da sociedade de controle e seus desdobramentos, se estabeleceram. É necessário estabelecer alguns parâmetros para uma leitura contundente dos trajetos dessa tradição ao longo da formação cultural brasileira. A importância desses produtores reside em constituir todo um aspecto delirante, através de desvios e insurreições críticas em relação à tradição *standard* nacional. Para Deleuze, *a literatura é saúde*, ela faz a língua delirar retirando-a do seu estado clínico, a partir do silêncio, do gaguejar, da descontinuidade, provocando sua *cura*: o mergulho no universo esquizo contra a neurose edipiana. A tradição delirante estabelece uma fala construída a partir da percepção de uma série de dissonâncias e tunelamentos entre obras e autores dentro da produção artística e cultural brasileira. O *delírio* como parte fundamental da obra e/ou vida. A operação esquizo proposta por Deleuze, em seu aspecto mais estrutural, é um olhar, uma fala que libera elementos recalcados, historicamente alijados da leitura disciplinar e institucional de nação e de cultura. *Não precisamos de lirismo, precisamos de delirismo*: discurso indócil, inquieto, que muitas vezes teve como resposta a ação repressora dos aparelhos de controle do estado. As forças delirantes muitas vezes obtiveram êxito: criaram Brasis por claves absolutamente anti-convencionais. Países dentro de países. São essas forças que fazem brotar os elementos de composição da resistência atual. A produção de produtores que dialogam com essa tradição na

contemporaneidade propõe estratégias de ação, a partir de processos de crítica ativa em relação ao mercado. O efêmero, o espaço público, a tensão em relação aos meios de distribuição e produção institucionais, a auto-ironia, a velocidade de escape, a intensidade da ação, a necessidade da ação, o movimento grupal anti-autoral, a coletivização das experiências de criação e investigação, são algumas das estratégias possíveis. Dos grupos de artistas que produzem a chamada *arte pública*, ou estão retomando pressupostos de uma *arte povera* afirmativa, ou então criando suas pequenas áreas de atuação e de produção contra-controle, ou ainda discutindo/agindo a partir de uma perspectiva crítica em relação à configuração atual de poderes, podem ser citados: o *Atrocidades Maravilhosas*, do Rio de Janeiro; *Camelo*, Recife; o *APIC!*, de Porto Alegre; o *Imaginário Periférico*, da Baixada Fluminense; o *RRRadial*, o *Hapax*, ambos do Rio de Janeiro, para pontuar alguns dos mais próximos. Existem também produtores de arte como Edson Barrus e o *Rés do chão*, Jarbas Lopes, Guga Ferraz, Ducha, Laura Lima, Cabelo, Erica Frankael, Graziela e sua casa, Alexandre Vogler entre outros, que vão propor a retomada dessa tradição delirante como força de construção de resistências afirmativas. Esse é o quadro que emerge atualmente na área de artes plásticas/visuais. Esse é o campo de batalha, esse é o espaço de enfrentamento e as máquinas de resistência que estão sendo construídas contra-controle. É aqui que acontece a resistência. É aqui que estamos pensando, estamos agindo. Resistência.

12. Resistir. Insistir. Extrair dos corpos a multidão. Afirmar. Potencializar forças de ação. Invadir. Extrair. Irromper. Atacar. Ir para o deserto, ou para a floresta, ou para o mar...buscar na luta a sua casa. Resistir. Agir. Propor outras formas. Estabelecer outras forças. Fazer pulsar. Chamar um Brasil outro, chamar um Brasil de lutas. Cantar. Fazer girar. Sem medo, sem ódio. Só afirmações. Potências. Vida. Afirmação. SOL. Fazer brilhar a luz elétrica da resistência. Fazer mover, subverter. Insistir. Re-insistir. Naquilo que pode ser e já é, naquilo que deve ser e já é, naquilo que pode estar e já está. Resistir

aqui. Resistir agora. Sorrindo. Dançando. Fazer dos corpos multidão. Prazer necessário da luta. Produzir. Ocupar. Produzir. Sem receio, sem mágoa. Só ação. Abrir linhas, criar mapas, trilhar, mexer em tudo. Produzir. Produzir desejos outros, sujeitos outros, objetos outros, outros outros...multidão de multidões. Agir sempre. Agir porque é necessário. Agir. Chamar todos. Compor múltiplas composições. Propor. Tocar. Resistir. SOL. Insistir. Re-insistir. Re-existência. Resistência. Resistir.

5.1

Carta

(Garrafa lançada ao mar)

Rio, s/ data.

Meus queridos,

Vocês não sabem como fico feliz de poder estar escrevendo para vocês. Não sei quantas boas novas posso contar, como também não sei se existem tantas boas novas assim para serem contadas. Estou falando de um lugar perto de onde vocês estão. Talvez soe como pretensão, mas a realidade é que vocês se encontram muito mais próximos do que podem imaginar. Eu não estou falando daquela coisa de lugar não, eu estou falando do Tempo. O Tempo segue sendo o mesmo. Desde onde vocês estão, até aqui. É o mesmo, mas sempre diferente. Tudo é diferente. Estou falando de um pedaço de real que percorre as nossas veias, nossos estômagos, nossos pulmões e se atualiza no gesto de pertencer ao agora, de estar vivo agora.

Mas, estar vivo agora implica o corpo. O corpo é a última e única estância do agora. O agora acontece no corpo. O problema é que o corpo não cessa de se desgastar. Hoje, o corpo que vocês inventaram, que vocês testaram, que vocês levaram ao limite em vocês mesmos, sem dúvida, continua a existir, mas, talvez esteja desgastado. Esteja outro. O corpo sofre a ação do Tempo. Parece meio estóico, e na verdade é. Não se trata de resignação. Trata-se na realidade de se perceber no jogo. Jogo dos devires. Existe um jogo com o Tempo que escapa o

próprio Tempo e existe um jogo com o corpo que supera o próprio corpo. O jogo com o Tempo nos remete à necessidade de se lançar no instante como única possibilidade de existência. O instante é o momento do jogo, é o lance daquele movimento, é aquele nu descendo a escada, multiplicado e multiplicador de estâncias do instante. O lance do instante é o movimento, se por em movimento, ser movimento. O instante não para de insistir no movimento. Quando o instante vira movimento ele te joga no instante, dobra no instante. Tudo é agora, de novo.

O jogo do corpo é o seguinte: o corpo próprio é limitado, então o corpo-obra é uma necessidade. Mas qual é a necessidade do corpo? Extrair do corpo próprio a propriedade de um corpo em mutação é lance de corpo em movimento. A corporeidade não se limita à presença do corpo próprio, a corporeidade é uma necessidade do movimento. O corpo será o evento, a corporeidade, a experiência do lance. Escapar à eminente decadência do estatuto corporal é se lançar na experiência de eventos da corporeidade, esquecer este estoicismo de tintura cristã. Papo de contemporaneidade. Não tem saída: ou experimenta ou não é. É aquela história de radicalidade do jogo entre o corpo/Tempo.

Bom, é o seguinte: não se pode pensar que as coisas não vão de alguma maneira bem. É claro que embate tá aí...sempre teve. Mas é uma dessas coisas que não dá para esquecer. A parada é correr pra dentro. Fazer daquilo que não pode ser um grande PODE SER AGORA. Na verdade é muito mais um tem que ser agora. Pô, eu to falando tanto deste agora. É porque talvez eu queira mostrar para vocês qual é a coisa que tá rolando. Sabe, é difícil pra danar tentar explicar o que é que está acontecendo. Sabe, o que tá acontecendo, tá acontecendo. Não terminou. O barato é que continua acontecendo. É isso: o que estava querendo falar pra vocês é que continua acontecendo. Por isso que eu tô falando o tempo todo do agora. Estou escrevendo pra vocês de tão longe, de tão longe...

Esse longe é o meu agora. E o meu agora continua o agora de vocês. Diferente. Mas, continua.

Essa garrafa lançada no mar. O que mais me surpreende é que não sei o que falar. Só sei que quero falar que algo continua, de algo que continua. Continua em

vocês. Continua em mim. Continua nas coisas. Não sei, nem tudo está perdido...mas que papo furado !!!

O que está perdido está perdido, deve ser perdido, deve voltar a estar perdido. Mesmo o que continua está perdido. Lembrei de novo do Duchamp. Ele era um grande perdulário. Ele nunca esteve muito preocupado com essa história de perder. Muitas coisas já aconteciam perdidas. E isso não tem nada a ver com falta de potência. Tem a ver com não estar nessa de acumular. É isso. Sem essa de acumular. Quase sempre rola esse lance de acaso. Tudo continua. Diferente.

Espero que esta mensagem alcance vocês. Espero que vocês entendam que as coisas estão seguindo seus caminhos, e que agora, talvez mais do que nunca, nós podemos perceber o quanto vocês estão perto, ou até, o quanto vocês se aproximam. Mesmo a aproximação sendo mais do que esperada, nunca se sabe se realmente ela pode acontecer. Às vezes, quanto mais próximo, mais distante.

A nossa distância era inevitável. Não se resume à quantidade de tempo-espaço que nos separa. É muito mais que isso. É uma distância que coloca a gente em dois mundos distintos, completamente distintos. Dois mundos que simplesmente parecem existir de forma paralela, paralelas infinitas. Talvez isso tenha a ver com aquele Mondrian que vocês tanto amaram. Aquelas duas retas, que seguem seus caminhos, se tocam, e depois seguem de novo seus caminhos, sobre o fundo branco sem fim...A distância de nossos mundos é infinita. Daí esse papo de dizer pra vocês que tá tudo aí, que as coisas – de uma maneira ou de outra - estão aí, e que vocês tem tudo a ver com isso, quer se queira, quer não. Porque vocês sabem: existe sempre aquele ranço belicista da vanguarda moderna tardia que acha que o lance é a superação do anterior. Vocês bem que curtiam essa história, não é? Mas no final das contas, o que fica é algo que escapa a esses vícios e marcas de época; qualquer época é cheia de marcas, e a gente deve ficar atento pra não ficar só repetindo. Quem sou eu pra ficar dizendo uma coisa dessas pra vocês? Eu sei que vocês sabem disso muito mais do que eu, eu sei que vocês experimentaram isso.

Bom, a gente não sabe muito bem o que fazer, por que não rola mais essa de projeto, sacou? O que rola mesmo é a vontade de seguir seguindo, de ir nessa, produzindo, criando, inventando, partindo pra outras paradas que não são só essas

de ficar vendo o bonde passar. A parada é que nós estamos nessa de continuar. E as coisas estão seguindo. O mais importante é isso: as coisas estão seguindo.

É isso aí, a jogada é essa. Talvez eu tivesse mais coisas pra dizer pra vocês mas agora eu não tô conseguindo me lembrar. Fica pra próxima. A gente vai fazendo aí os nossos sons, as nossas transas, as nossas paradas e vocês vão ficando fazendo o que você sempre fazem. Pra gente isso é o mais importante, pô! É aí que a gente se encontra. Vocês fazendo as paradas de vocês e a gente fazendo as nossas. Tudo é diferente, mas tudo continua.

Fiquei muito honrado de poder estar falando com vocês e espero poder continuar esse diálogo, esse papo, por muito tempo. A gente sabe que não tem como escapar, numa boa! A gente sabe que se as coisas estão rolando nessa onda, é porque a gente vai estar sempre ligado nessas paradas.

O que fica pro final são aqueles dois papos que vocês mandaram pra gente um dia desses nas paradas da vida: por um lado, da adversidade viemos; e por outro, a casa é o corpo. Esses papos são fortes. É aí que a gente sabe que as coisas continuam. Fortes e diferentes.

Um grande abraço/beijo desse que joga essa garrafa no mar,

Ericson Pires